

Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

Imigração e língua em uma perspectiva de gênero

Lená Medeiros de Menezes

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Abstract Discusses the role of language in the immigration process, focusing on gender. For this, portrays the drama of three immigrant women coming to an unknown country and find themselves in the difficult situation to integrate into the new society. Through interviews of two young men and three women – two native speakers of Spanish and Italian – the author portrays the challenge, wrapped in fear and suffering related to the need to settle in a foreign country and learning a new language at the same time it is the abandonment of their native language and their cultural identity. Comparing the female and male roles both in the society of origin as at the finish, the author concludes that remains to immigrant warmth – but also the isolation – the home, leaving the children link the role between them and the language and strange society.

Sumário 1 Sobre ser estrangeiro(a) na terra de acolhida. – 2 Introduzindo o objeto de estudo. – 3 A complexidade do aprendizado de outra língua. – 4 Sobre Juana, Angelina e Teodora.

Keywords Migratory Processes. Immigration Women. Language. Isolation. Integration.

Considerando-se a questão das invisibilidades nos processos de deslocamentos, é importante lembrar, de imediato, que várias são as dimensões que atingem as mulheres. Imersas em processos que se situam para além do simples ato de transpor fronteiras físicas, elas vivenciam também deslocamentos sociais, culturais e, em especial, afetivos. Esses deslocamentos tendem a fazê-las experimentar a sensação de ‘não pertencimento’, com intensidade e dimensões diferenciadas dos homens, quer em relação ao lugar de partida, quer em relação ao lugar de chegada.

1 Sobre ser estrangeiro(a) na terra de acolhida

Com relação à mulher imigrante, por tanto tempo negligenciada pela historiografia, muitas são as dimensões que restam por ser analisadas, desde seu protagonismo nos processos migratórios aos desafios e problemas na tessitura de uma nova vida em terra estrangeira. Nesse processo, é possível dizer que elas vivem, de forma significativamente particular, os processos de adaptação e aculturação, em parte, por conta dos papéis sociais a elas atribuídos.

Diaspore 7

DOI 10.14277/6969-122-5/DSP-7-2

ISBN [ebook] 978-88-6969-122-5 | ISBN [print] 978-88-6969-123-2 | © 2017

A partir do conceito de *dupla exterioridade*, cunhado por Todorov (1991), pode ser observado que as mulheres experimentam, em geral, um sentido particular de exterioridade, principalmente aquelas que reproduzem, na terra de chegada, papéis ligados aos cuidados com marido e filhos. Nesse caso, o lar torna-se seu lugar de abrigo, refúgio e de preservação identitária.

Tanto com relação aos homens quanto com relação às mulheres, porém, ser *estrangeiro* é, inevitavelmente, uma experiência que envolve muitas dificuldades. Segundo Duroselle (2000, 49), o conceito de *estrangeiro* ainda não mereceu a atenção devida por parte dos historiadores, embora ele seja fundamental na análise das relações travadas com respeito àquele que vem de fora e sobre o qual recai, regra geral, alguma forma de discriminação. ‘Amigo ou inimigo’, o estrangeiro, segundo o autor:

é um homem ‘diferente’ e, conseqüentemente, com comportamento estranho, até imprevisível. É o homem que [...] ‘introduz o aleatório’.

O estrangeiro representa a diferença, mas não toda a diferença e nem sempre as mesmas diferenças. Estas têm origem frequentemente na ‘raça’ [...]. Muitas vezes ainda ela se apega à ‘língua’ [...]. A diferença provém muitas vezes da religião [...]. Finalmente, a longa sequência de ‘acazos da história’ – sucessões, guerras, movimentos de populações e de trocas, que fixaram fronteiras – criou também a diferença. E quanto mais o tempo passa, mais formam, de uma parte e da outra, aquilo que o geógrafo Jean Gottman chama [...] de ‘iconografias’ – sistemas de imagens, de valores que se distanciam uns dos outros e criam ‘diferença’. (Duroselle 2000, 50)

Com relação à questão das diferenças entre o *eu*, natural da terra, e o *outro*, que vem de fora, é possível distinguir, segundo o mesmo autor (51-2), entre o estrangeiro *conhecido* – que causa menores estranhamentos – e o estrangeiro *desconhecido*: «o misterioso, o longínquo, muitas vezes aquele que vem do mar e aparece bruscamente».

No caso do estrangeiro conhecido, este teria maiores proximidades com a cultura do país de acolhida. Dessa forma, não seria tão *outro* quanto o estrangeiro desconhecido, já que este estaria marcado por diferenças mais visíveis, passíveis, em grau extremo, de fertilizar processos xenófobos, pois, segundo Duroselle (2000, 51): «quanto mais nos distanciamos, mais o estrangeiro [tende a se tornar] monstruoso».

O estrangeiro, portanto, representa a diferença, assumindo, conseqüentemente, a posição da *outrocidade* (Rezende 2011) com relação à língua, à religião ou a outros valores culturais. Quando esse estranhamento assume o sentido de ameaça, acaba por implicar atitudes de vigilância, controle e, até mesmo, de combate.

Ainda que não se atenha à questão da imigração, o conceito de *poética do espaço*, cunhado por Bachelard, é um bom ponto de partida para

analisar como as iconografias de que fala Gottman estão inscritas em um espaço sujeito a sistemas de representação. Essa poética do espaço assim aparece descrita por Said, citando Bachelard (1996, 65):

O interior de uma casa [...] adquire um sentido de intimidade, segredo e segurança, real ou imaginário, por causa das experiências que parecem ser apropriadas para tal espaço. O espaço objetivo de uma casa – seus cantos, corredores, porão, quartos – é muito menos importante do que aquilo de que está poeticamente dotado, que costuma ser uma qualidade com um valor imaginativo ou figurativo, que podemos nomear e sentir: assim, uma casa pode ser assombrada, ou como um lar, ou como uma prisão, ou mágica. Da mesma maneira o espaço adquire um sentido emocional ou até racional por meio de um tipo de processo poético, que faz a distância ser convertida em um significado para nós. O mesmo processo ocorre quando lidamos com o tempo.

As representações de tempo e de espaço, dessa forma, são, inevitavelmente, permeadas pela subjetividade, sendo possível inferir que, no contexto das relações com o estrangeiro, colocam-se em contato – e muitas vezes em oposição – diferentes iconografias, tão ou mais distanciadas quanto maiores ou menores são as diferenças culturais.

2 Introduzindo o objeto de estudo

Inserido no quadro dos deslocamentos sociais, culturais e afetivos que afetam os indivíduos que – por opção ou necessidade – transpõem fronteiras nacionais, tornando-se o *outro* em terra estrangeira, este artigo é desdobramento de pesquisa mais ampla sobre portugueses, espanhóis e italianos na cidade do Rio de Janeiro.¹ A partir desse contexto mais amplo, o trabalho propõe uma abordagem que, dentre os ícones culturais, destaca o papel da língua nos processos migratórios, privilegiando o recorte de gênero.

As questões discutidas no trabalho estão apoiadas principalmente em três entrevistas, que colocam o foco na voz de mulheres que, um dia, deixaram sua terra natal para se aventurarem no desconhecido. Ao rememorem o passado, suas lembranças estabelecem pontes com o processo de adaptação em terra estrangeira, processo no qual a língua aparece como registro de dificuldades.

Os problemas apontados surgiram de forma espontânea nas entrevistas; ou seja, as perguntas a elas dirigidas, em nenhum momento, estiveram

¹ O projeto é apoiado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, através do PROCIENTIA, e recebe taxa de bancada do Programa Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

orientadas pela questão das dificuldades com a língua. Foram as depoentes que, convidadas a falar sobre suas dificuldades ao chegar ao Brasil, deram centralidade à questão da língua, demonstrando seu peso no processo de reinvenção da vida em terra estrangeira, embora, nos três casos, se tratasse de línguas latinas, e não de troncos linguísticos desconhecidos ou com maior distanciamento das línguas românicas.

As três depoentes – duas nascidas na Itália e uma na Espanha – narraram, em grau muito próximo, as dificuldades que enfrentaram no difícil processo de aprendizagem de uma nova língua, que lhes parecia *incompreensível* nos contatos iniciais, vindo a causar-lhes inúmeros constrangimentos. Ainda que as línguas maternas por elas faladas fossem próximas ao português, se comparadas com outras, aprender uma segunda língua ofereceu-lhes expressivas dificuldades, marcadas para sempre em suas lembranças.

É necessário que se atente, assim, para o amplo significado que a língua assume para emigrantes, que, muitas vezes, travam contato com outra língua apenas no contexto do próprio deslocamento, o que colabora para que a língua falada no país de acolhida pareça, pelo menos nos momentos iniciais, obstáculo quase sempre gerador de angústia e sofrimento.

No caso das mulheres entrevistadas, elas eram, em última instância, estrangeiras *conhecidas*. Afinal, oriundas da Europa do Sul, tinham origem latina, e a estrutura e muitas palavras da língua por elas falada tinha proximidades com o português. Levando-se em conta, porém, os depoimentos que a seguir serão analisados, essa condição de proximidade não as eximiu de enfrentar dificuldades, ainda que estas se distanciassem significativamente daquelas enfrentadas, por exemplo, por alemães, chineses, japoneses, russos e tantos outros.

Bem sabemos que o processo de adaptação em terra estrangeira tem uma temporalidade que varia segundo os distanciamentos existentes. Nesse processo, as diferenças iniciais tendem a ser minimizadas por conta dos processos de adaptação e aculturação, embora, para muitos, as formas de falar os mantenham, ao longo da vida, como o *outro*. Essa permanência de uma *outrocidade* visível, por outro lado, não atinge apenas povos com língua ou cultura mais distanciadas. Em muitos casos, a diferença se expressa através de poderosos estereótipos, presentes, por exemplo, em designações pejorativas, como *carcamano* ou até mesmo *galego*. Neste último caso, longe de a palavra significar um simples gentílico – natural da Galícia –, ela passa a nomear aquele que se sujeita aos trabalhos desqualificados e mal remunerados (cf. Silva 2006).

3 A complexidade do aprendizado de outra língua

Uma breve análise sobre o complexo processo em que se constitui a aquisição de outra língua é não apenas importante mas também necessário, principalmente quando o(a) imigrante é colocado(a) em foco, obrigado(a) à necessidade de construir uma nova vida, na qual se vê na contingência de falar e pensar em *língua estrangeira*.

A primeira advertência feita pelos linguistas com relação a esse processo é a de que a língua não é um simples instrumento de comunicação; tampouco ela se constitui em algo que é aprendido de forma mecânica e progressiva, ou seja, assimilada em etapas passíveis de levar o indivíduo a um nível de domínio considerado ideal.

Segundo Revuz (1997, 215 in Pereira 2001, 59), a língua materna forma a própria psique do sujeito. Para a autora, «as palavras são impregnadas de um sistema de valores», pois:

muito antes de poder falar, a criança é falada intensamente pelo seu ambiente, e não há uma palavra que não seja, a um só tempo, designação de um conceito e discurso sobre o valor atribuído a esse conceito pelo ambiente. Esse sistema de valores impregna completamente o sistema lingüístico. Ele diz aquilo que se pode dizer e aquilo que não poderia ser dito; ele manifesta uma relação com a própria língua e o saber que ela permite construir. (Revuz 1997, 215 in Pereira 2001, 59)

Nesses enquadramentos, a aquisição de uma língua estrangeira - estranha e externa, portanto - implica, necessariamente, importantes deslocamentos. Para além de sociais e culturais, estes são também emocionais e psíquicos. Dessa forma, aprender *outra* língua é, antes de mais nada, um processo desequilibrador, que remete à construção de novas conexões cerebrais e de uma nova identidade. Nesse processo, a língua materna - carregada de afetividade - nunca é esquecida.

Esse estar já-aí da primeira língua é um dado ineludível, mas essa língua é tão onipresente na vida do sujeito que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido e o encontro com uma outra língua aparece efetivamente como uma experiência totalmente nova. (Revuz 1997, 215 in Pereira 2001, 59)

Com relação à novidade em que se constitui o aprendizado de outra língua, a autora nos diz que esta experiência *nova* «não está no encontro do fenômeno lingüístico como tal, mas nas modalidades desse encontro», tendo em vista que:

a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira

infância. Pode-se apreender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. (Revuz 1997, 215 in Pereira 2001, 59)

O exercício requerido pela aprendizagem de uma LE se revela tão delicado porque, ao solicitar a um tempo nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos enquanto sujeito que se autoriza a falar em primeira pessoa, solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica e, com elas, aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua materna. (Revuz 1997, 215 in Pereira 2001, 56)

Considerando-se que toda aprendizagem é, por si só, desestabilizadora, o aprendizado de outra língua – principalmente para o(a) imigrante – representa a maximização desse processo, tendo em vista que ele imprime a necessidade de ver, sentir e nomear o mundo de forma diferente do que nele foi inscrito em língua materna.

Nesse sentido, Pereira (2001, 55) norteia seu trabalho sobre o papel da língua materna na aquisição da língua estrangeira através de duas perguntas principais:

- É possível esquecer a língua materna para aprender a língua estrangeira?
- Haveria um campo psíquico específico para a aquisição de língua materna e outro para a língua estrangeira?

Perguntas como estas ainda não foram satisfatoriamente respondidas, indicando o quanto ainda há a ser pesquisado sobre o tema, de forma que possam ser estabelecidas as possíveis relações cognitivas e físico-cerebrais entre uma primeira e uma segunda língua.

Observe-se, em acréscimo, que as reflexões da autora tomam como eixo de reflexão o aprendizado realizado em ambiente escolar, não se voltando, assim, para as formas espontâneas e não sistematizadas do aprendizado realizado pelo(a) imigrante. Nesse cenário, é possível encaminhar outros alcances para as perguntas formuladas sobre as relações estabelecidas entre língua materna e língua estrangeira.

Essa situação diferenciada se repete na escola, quando se trata de crianças e adolescentes imigrantes, que enfrentam uma situação de sala de aula inscrita em uma língua que, para ele, é estrangeira; ou seja, a língua falada no espaço de aprendizagem em que ele se insere não é sua língua materna.

As dificuldades por eles enfrentadas na escola podem ser demonstradas pelo jovem Léonard Rudloff. Filho de casal franco-brasileiro (pai francês e mãe brasileira), ele nasceu na França (Beaumont), em 31 de Dezembro de 2001. Com um ano e meio, deslocou-se com a família da França para a

Inglaterra e foi alfabetizado em língua inglesa. Após pouco menos de nove anos neste país – o que fez com que o inglês se constituísse, para ele, na verdadeira língua materna – os pais foram transferidos para a Tailândia; depois, para o México e, finalmente, para o Brasil. A cada novo país, Léonard era obrigado a adaptar sua forma de ver o mundo, de falar e de se comunicar, mesmo frequentando escolas internacionais.

Ainda que a mãe sempre tenha falado com ele em português, possibilitando que ele compreendesse perfeitamente a língua, o contato com as formalidades de uma língua latina deu-se apenas em uma escola internacional no México, onde eram ministradas disciplinas em espanhol, em atendimento à legislação do país. Desde seu ingresso, portanto, ele foi obrigado a ler e escrever em espanhol, entrando também em contato com uma cultura completamente diferente; cenografia que, ademais, seria transitória.

Certamente muitos são os benefícios que o contato com várias línguas e culturas possibilitou ao jovem. Isso não descarta, porém, as dificuldades e o sofrimento inerentes ao processo de adaptação – linguísticas, culturais, emocionais e cerebrais – que permitissem que ele rompesse a exclusão social.

O contato formal com a língua portuguesa veio a oferecer novas dificuldades, incluindo, dentre outros, registros diferentes para um mesmo fonema e a acentuação. Passados um pouco mais de dois anos da chegada ao Brasil, a gramática – mais mecânica – foi razoavelmente assimilada, mas as dificuldades continuam a estar centradas na interpretação, o que levanta a hipótese de que ele continua a pensar em língua inglesa, embora palavras nessa língua não mais invadam textos por ele escritos em língua portuguesa.

Segundo palavras do próprio Léonard, a cada país e a cada escola nova, seu sentimento inicial era sempre o de medo:

Tinha medo de não conseguir fazer amigos, porque não podia me comunicar. Tinha medo de não me dar bem na escola. Chegava sempre muito nervoso na escola e não gostava de ir à aula. (Rudloff 2015)²

Se o medo era companheiro de Léonard ao entrar em uma nova escola, o desconforto experimentado nos encontros iniciais com outra língua nos é dado pelo depoimento de Enrique Babio, espanhol da aldeia de Sada, em La Coruña, Galícia:

Senti dificuldade, como eu falo galego, o galego e o português se assemelham, também muita coisa eu não entendi, sobretudo o carioca que

2 Depoimento de Léonard Rudloff, prestado à autora em entrevista realizada, no Rio de Janeiro, em 15 de Outubro de 2015, não publicado anteriormente, constando sua íntegra em documento que integra o acervo pessoal da pesquisadora.

fala muito: 'xx'. Isso aí me atrapalhava e nas obras encontrava o nordestino, que falava de outra maneira. O carioca entendia melhor a nós, do que nós a eles. Porque na cidade sempre tem o ouvido mais adaptado. O carioca, qualquer idioma entende.³

Ainda que seja considerada idílica sua visão sobre o carioca, que, segundo ele, 'qualquer idioma entende', Babio não deixa de ter razão, quando distingue as diferenças de compreensão de um brasileiro frente ao espanhol (ou galego) e de um espanhol frente ao português. Em última instância, um desdobramento das diferenças entre o latim erudito e vulgar e das formas pelas quais essas formas foram absorvidas pelos diferentes povos.

O que se mostra importante no depoimento de Enrique Babio é a indicação implícita das formas que o processo de aquisição de outra língua compreende. Para além do cognitivo, esse processo envolve o emocional, explicando-se, por exemplo, por que, no caso de crianças bilíngues (ou trilíngues), estas tendem a desenvolver a gagueira: expressão de um querer dizer que não encontra – na mesma velocidade do pensamento – palavras apropriadas no ato da enunciação. Explica também por que é relativamente comum que palavras da língua materna invadam a fala em língua estrangeira.

4 Sobre Juana, Angelina e Teodora

O depoimento prestado por Juana Naranjo, espanhola de Sevilha, Andaluzia, demonstra essa *invasão* de palavras no ato da enunciação, em narrativas construídas em outra língua:

São Paulo era feia. Vou falar a verdade. É que eu vinha de uma cidade pequena, já não *es tan pequeña* hoje, Sevilha *ya es una ciudad...* uma cidade que você vai ao centro andando, eu morava no centro, perto da catedral e até o Parque de Maria Luisa, era tranquila. É que meu marido tinha alugado dois cômodos, quarto e cozinha lá no Tatuapé, e a senhora da casa da frente, de Trás dos Montes, de *unos cincoenta y tal*, eu com vinte e três anos... Quando eu escutava ela falar, era choc, choc, choc... No entendia nada, nada... e ela me falava, me falava... *Mi marido salia a las seis horas, cinco e meia*, ele era mecânico, trabalhava na Estrela o dia inteiro e eu ficava sozinha até de tarde, até as seis e meia. E eu escutava aquela mulher e *yo decía, madre mía, de donde salió esta mujer... donde yo me he metido...* (Narajo 2008 in Corner 2012, s.p.)

3 Depoimento prestado a Érica Sarmiento da Silva, em 26 de Maio de 2011, fazendo parte de seu acervo pessoal, gentilmente cedido à autora para menção neste texto.

Pequeña, ciudad, cincuenta, donde, mujer foram, dentre outras, palavras espanholas que invadiram um depoimento prestado em língua portuguesa, embora, nesses casos, os registros fossem bastante próximos. O mesmo se dá com verbos como *salir* e *decir*. Essa *invasão* torna-se mais significativa quando observamos que, no momento do depoimento, já se tinham passado anos desde que Juana chegara ao Brasil, o que a fazia dominar muitas outras palavras, com registros mais distanciados. Ou seja, independentemente dos anos de permanência no Brasil, ela continuava trocando as línguas. Indicaria isso que ela continuava a pensar na língua materna ou seriam outras as explicações para essa forma mista de enunciação? A resposta a essa questão, certamente, foge à proposta deste artigo, por envolver questões ainda em aberto, relativas à elucidação de como se comportam os circuitos cerebrais no caso do aprendizado de outra língua.

Para Juana, sua chegada ao Brasil foi acompanhada por um verdadeiro sofrimento no contato com o *outro*. Segundo o que disse, ela experimentava um verdadeiro desespero quando ouvia a vizinha falar em uma língua que ela não compreendia e que, em seus ouvidos, soava como um ‘choc, choc, choc’ incompreensível, que não fazia, para ela, qualquer sentido.

Outra informação importante no depoimento de Juana é sua observação acerca das diferenças que afetavam os cotidianos vividos por ela e pelo marido, o que influenciava diretamente no aprendizado da nova língua.

Essa diferenciação tudo tinha a ver com os papéis tradicionais por eles desempenhados. No caso do marido – provedor do casal – ele saía às cinco e meia ou seis horas da manhã para o trabalho e ficava fora do lar o dia inteiro. Nessa situação, diariamente mantinha contato com colegas de trabalho e fregueses, e esse contato possibilitou que, rapidamente, ele discriminasse os sons que o cercavam, conferindo-lhes sentido.

Juana, ao contrário, permanecia sozinha em casa, raramente saindo à rua. Era esta sua rotina diária, que se repetia das seis da manhã às seis e meia da tarde, com a possibilidade, apenas ocasional, de ela travar diálogo com a vizinha, que, pelo que demonstra o depoimento da andaluza, não manifestava a mínima preocupação de se fazer entender. Daí o desabafo da entrevistada: «madre mía, de donde salió esta mujer... donde yo me he metido!».

Destaque-se que, no caso de Juana, o que estava em jogo não era a opção de ir à escola para aprender uma língua estrangeira, mas a necessidade imperiosa de se comunicar e, através desse ato, poder melhor sobreviver na nova terra, desempenhando seu papel de esposa e mãe em terra estrangeira. Aprender a língua portuguesa, para ela como para tantas outras, era parte intrínseca e vital da construção de uma nova vida no Brasil, através da vivência de um processo continuado de mudanças que se colocava, no caso específico da língua, para além do enunciar, impondo a necessidade do significar, no sofrido processo de adoção de novos padrões linguísticos e simbólicos.

O difícil processo de adaptação e aprendizagem, vivido pelo(a) imigrante, associava-se sempre ao medo: medo de não ser compreendido, medo da discriminação, medo da galhofa. Estas eram situações que, para as mulheres, acabava por acarretar um processo de refúgio dentro de si, marcado pela opção por pouco falar ou, ainda, de pouco sair e de permanecer no lar, onde podia continuar a falar a língua materna, sem o sofrimento que o contato com a outrocidade linguística acarretava.

Outra depoente, Angelina Amêndola, narra as mesmas dificuldades e o mesmo sofrimento. Nesse caso, fica mais explícita uma situação constrangedora vivida fora de casa, reforçando a representação do lar como refúgio. As dificuldades vividas por Angelina só começaram a ser minimizadas – embora nunca superadas – quando a filha alcançou idade suficiente para frequentar a escola, passando a ensinar à mãe os meandros da língua portuguesa.

Natural do sul da Itália, Angelina Amêndola é uma senhora tímida, recatada e de poucas palavras, que chegou ao Brasil no ano de 1954, com o marido e uma filha pequena, chamada Itália, em homenagem e reverência à terra natal. Diferentemente do marido – com grande eloquência na narrativa de seus sofrimentos durante a Guerra, quando, em um campo de prisioneiros, foi obrigado a se alimentar das cascas de batatas, agradecendo a Deus a oportunidade de trabalhar na cozinha – Angelina falou pouco na entrevista, limitando-se a responder, de forma simpática mas pontual, às perguntas que lhe eram dirigidas, sendo continuamente interrompida pelo marido, que não se afastou da sala onde era realizada a entrevista.

Ao narrar suas dificuldades de adaptação, Angelina enfatizou – imediatamente – as dificuldades com a língua, dizendo que passou muita vergonha enquanto não aprendeu a falar o português. Da mesma forma que Juana, ela marcou as diferenças no cotidiano vivido por ela e pelo marido, afirmando que este aprendeu rápido o português, segundo ela, porque era jornalista e trabalhava o dia inteiro na rua, em contato permanente com os fregueses. Ela, ao contrário, ficava em casa durante todo o dia e tinha receio de sair à rua, pois só sabia falar italiano e tinha medo da rejeição e da discriminação.

Dentre suas lembranças, tem destaque um fato por ela considerado doloroso, que até hoje continua a lhe causar vergonha e constrangimento. Em um determinado dia, ela foi chamada à escola da filha, intimada a justificar as faltas da menina, o que deixara de fazer, por escrito, por não saber ler ou escrever em português. Ao comparecer à escola e tentar explicar os motivos pelos quais a filha faltara às aulas, mencionou que o médico tinha recomendado que a menina permanecesse na casinha, utilizando a forma diminutiva das palavras tão comum entre nascidos na cidade do Rio de Janeiro (cariocas).

Angelina saiu satisfeita do encontro com a professora da filha. Quando, porém, veio a saber que *casinha*, em linguagem popular da cidade, signi-

ficava banheiro, ela morreu de vergonha.⁴ A partir desse momento, e pelo menos até dominar melhor a língua, nunca mais teve coragem de ir à escola.

Após o episódio, Angelina esforçou-se mais em aprender o português, pois não queria passar por nenhum outro desconforto como aquele, que ela considerou um verdadeiro vexame. Sua aprendizagem, porém, deveu-se à própria filha, então em processo de alfabetização. Junto com ela, aos poucos, foi desvendando os segredos da nova língua, passando a expressar-se razoavelmente, embora em casa continuasse a falar italiano, até mesmo para que a menina nunca esquecesse a língua dos pais.

Outra italiana, Laís Consani Scarpa, ao lembrar a avó Teodora, pontuou, em seu depoimento, as dificuldades que esta teve com a língua na terra de acolhida e o fato de a avó nunca ter aprendido «a falar o português, porque não saía de casa». Segundo Laís, sua avó

não falava [o português], era tudo enrolado. Ela falava: '*quattro ore, quattro ore!*' A gente entendia, mas gente de fora não entendia.

Ela disse para as meninas quando chegaram: 'Olha, vocês se virem aí, hein? Vocês tratem de andar com os brasileiros para aprenderem a falar, porque eu..., não vou aprender a falar; não saio de casa'. (Scarpa 2001 in Pereira 2008, 146-7)

Segundo os três depoimentos, as dificuldades enfrentadas pelas imigrantes em seu dia a dia deveram-se, em grande parte, ao fato de elas não saberem falar português. Explícitas, nesse sentido, são as referências, em suas narrativas, das relações existentes entre as dificuldades com o aprendizado da língua, o distanciamento do movimento das ruas e seu recolhimento ao espaço privado.

Pelo fato de os maridos, no caso de Juana e Angelina - e, possivelmente, em tempos passados, também de Teodora - viverem seu dia-a-dia no trabalho e, portanto, no espaço público, eles tinham contato permanente com a língua portuguesa, levando-os a aprendê-la com maior facilidade, incluindo o linguajar popular, caminho principal para sua integração na sociedade.

A importância de circular nas ruas e de entrar em contato permanente com os brasileiros aparece significativamente explicitado no depoimento de Laís, ao reproduzir as palavras da avó: «Olha, vocês se virem por aí, tratem de andar com os brasileiros para aprenderem a falar, porque eu..., não vou aprender a falar, não saio de casa».

Por conta de um cotidiano vivido no lar e do verdadeiro tormento que significava a circulação na rua, enquanto não dominavam suficientemen-

4 O depoimento de Angelina Amêndola foi colhido pela autora, em entrevista realizada em 13 de Junho de 1999, no Rio de Janeiro, fazendo parte de seu acervo pessoal. A terminologia vem do fato de o banheiro, no passado, ser construído fora da casa, constituindo-se assim em um anexo, uma *casinha*, por suas pequenas dimensões.

te o português, as três mulheres – e, como elas, muitas outras imigrantes – acabaram por se condenar a uma espécie de exílio voluntário, marcado pelo pouco ou pelo não falar em público, sempre associado ao medo da discriminação e da vergonha.

Longe de se constituir em instrumento de aproximação com o(a) outro(a), a língua, dessa forma, acabava por se transformar em fator de apartamento, tornando-se o lar o único refúgio por elas considerado seguro, lugar sagrado da preservação de sua identidade original e de sua cultura; espaço onde elas podiam continuar a falar *sua* língua.

O cotidiano vivido no lar passava a representar assim, a um só tempo, obstáculo ao aprendizado da outra língua e caminho de preservação da língua materna e, através dela, dos registros e valores culturais de sua terra e de sua gente. Nesse processo, é possível dizer que, no caso das mulheres, as dificuldades com a língua acabaram por reforçar seu papel de guardiãs das tradições e de suas contínuas ressignificações.

Bibliografia

- Corner, Dolores Martins (2012). «Guerra civil e fome: imigrantes espanhóis em São Paulo». Menezes, Lená Medeiros de; Matos, Maria Izilda Santos de, *Deslocamentos e cidades: experiências, movimentos e migrações*. Rio de Janeiro: UERJ/LABIMI, 236-49.
- Duroselle, Jean-Baptiste (2000). *Todo Império perecerá. Teoria das Relações Internacionais*. Brasília; São Paulo: UNB; Imprensa Oficial do Estado.
- Maingueneau, Dominique (2006). *Cenas de enunciação*. Curitiba: Criar.
- Pereira, Elizabete Francisca de Oliveira (2001). «O papel da língua materna na aquisição da língua estrangeira» [online]. *Inter-Ação; Rev. Fac. Educ. UFG*, 26(2), 53-62. URL revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/download/1601/1566 (2016-10-11).
- Pereira, Syrléa Marques (2008). *Entrehistórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres* [Tese]. Universidade Federal Fluminense: IFCH/UFF.
- Resende, Érica Simone A. (2011). *A crítica pós-moderna/pós-estruturalista nas Relações Internacionais*. Boa Vista; Roraima: Universidade Federal de Roraima.
- Said, Edward W. (1996). *Orientalismo: O Oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, Érica Sarmientod da (2006). *O outro Río: a emigración galega no Río de Xaneiro*. 1a ed. Santiago de Compostela.
- Todorov, Tzvetan (1991). *Nosotros y los otros. Reflexões sobre a diversidade humana*. México; Madrid: Siglo Veintiuno.